

O PARQUE DA CIDADE

NA MAIOR ÁREA VERDE DO PLANO PILOTO, O BRASILIENSE RELAXA EM MEIO AO CERRADO, CUIDA DO CORPO E DA MENTE E, MAIS IMPORTANTE, ENCONTRA OUTRAS PESSOAS NA MESMA SINTONIA

A CAPITAL ABRAÇA A NATUREZA

VAGNER VARGAS

Referência para os moradores de Brasília, o Parque da Cidade Sarah Kubitschek fica aberto 24h por dia e é o destino diário de 3 mil brasilienses. E são inúmeras as opções de atividades que o local oferece. Em pouco tempo no parque, é possível observar de tudo um pouco: uma partida de futebol ou de vôlei de praia, corredores, patinadores, ciclistas, famílias aproveitando a área verde, crianças brincando no Parque Ana Lídia, casais de namorados...

Entre os frequentadores, está Fernanda Rodrigues Romero, de 27 anos. Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, Fernanda pode ser considerada uma brasiliense. Ela veio com a família para a capital federal quando tinha apenas 3 anos e, desde então, é frequentadora assídua do Parque da Cidade. "Eu vinha com meus pais para o Parque Ana Lídia e hoje estou aqui de três a quatro vezes por semana", conta a arquiteta, que costuma percorrer os 10km de um dos trajetos oferecidos pelo local, seja de patins, seja correndo.

Aprendendo com os pais, o costume de frequentar o parque já está sendo passado por Fernanda à filha, Maria Eduarda, de 4 anos. "Trago ela aos fins de semana para brincar no Ana Lídia. Sempre há atividades para crianças aqui", cita, lembrando que até o carnaval da pequena foi comemorado lá.

Além da proximidade com a natureza, Fernanda Romero destaca o que mais atraí. "É um lugar agradável, que proporciona qualidade de vida e ajuda a esquecer o estresse do dia a dia. O parque tem a identidade do povo de Brasília", afirma ela, que não faria nenhuma alteração no local. "Não acrescentaria nada. Mas é preciso conservar e fazer manutenção."

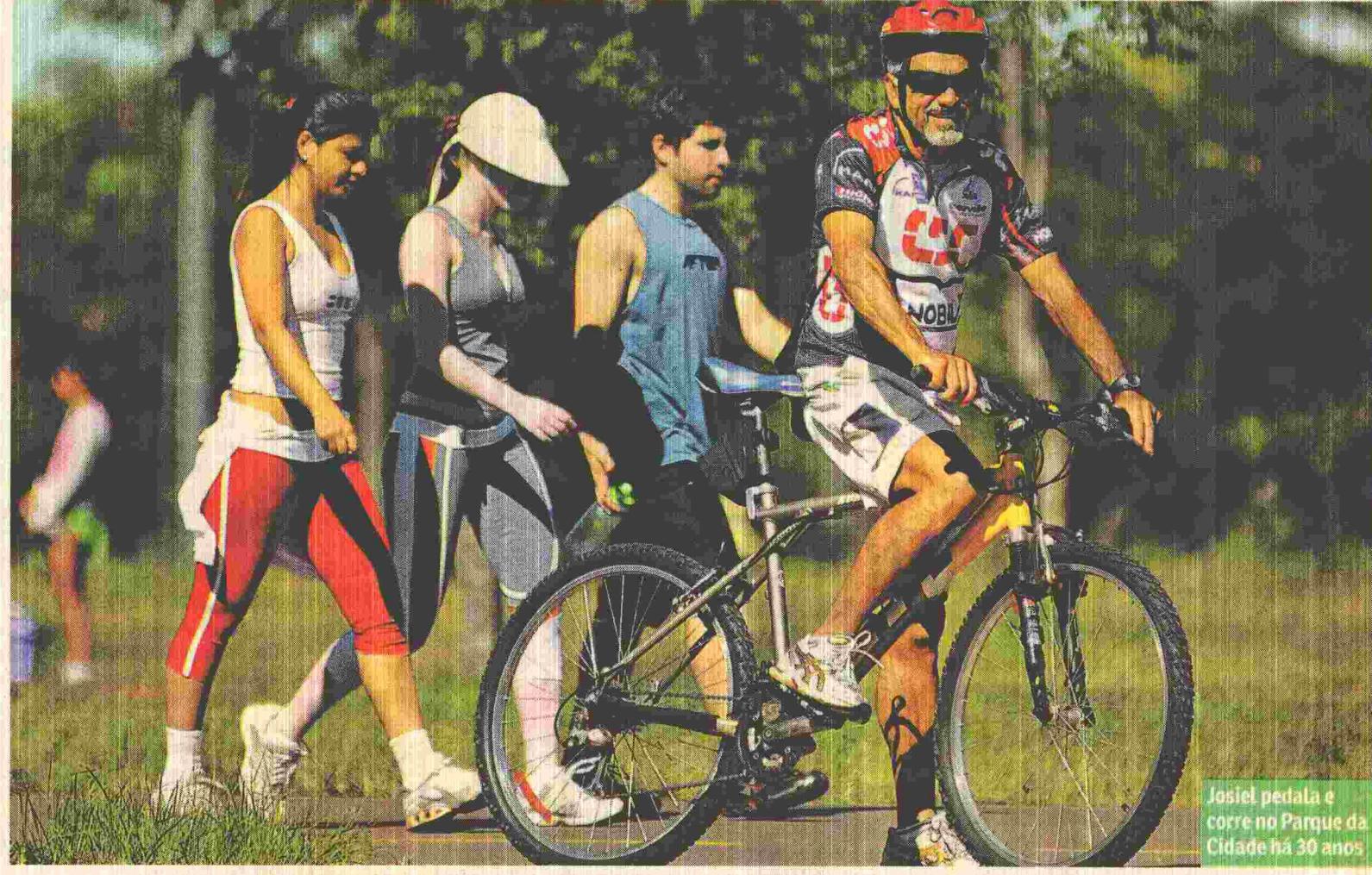
DÉCADAS DE PARQUE

Aos 66 anos, o contador aposentado Josiel Cardoso Ribeiro já carrega no currículo 19 maratonas e 21 meias maratonas na "carreira". Não, ele não é um atleta profissional, mas com a ajuda providencial do Parque da Cidade, já teve a oportunidade de percorrer as ruas de diversas cidades do Brasil e do mundo. Foi graças aos constantes treinamentos no asfalto de lá que ele adquiriu o condicionamento físico para disputar as corridas. A história do experiente corredor se confunde com a do parque, já que ele foi testemunha do começo do local. Ele lembra: foram necessários alguns anos para que o parque engrenasse e ganhasse a atenção dos moradores da capital. Segundo ele, o parque passou a ter frequentadores assíduos na década de 80.

Hoje, quase 30 anos mais tarde, seu Josiel continua sendo visto no parque, seja correndo, seja pedalando. E ele não costuma estar desacompanhado. Integrante do grupo de corredores Seminovos, que reúne pessoas com mais de 50 anos, o atleta costuma dividir a pista com os 16 colegas. "Estamos juntos há oito anos, sempre juntos no parque. Além de correr e pedalar, nos encontramos aos fins de semana para comemorar aniversários e bater papo", conta ele, lembrando dos churrascos e da própria festa de aniversário realizada no Quiosque do Atleta.

A empolgação de seu Josiel com o Parque da Cidade chega a ponto de o corredor compará-lo a um dos destinos favoritos dos brasilienses durante as férias: a praia. "Considero o parque a praia seca de Brasília. Aqui temos contato com a natureza, com o sol, todo mundo se diverte e se distrai", compara o veterano frequentador. "É o ponto de encontro de todos que gostam de atividade física. A qualidade de vida está aqui."

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



Josiel pedala e corre no Parque da Cidade há 30 anos

Saiba mais

Além das cicloviás e das pistas para corrida e caminhada, o Parque da Cidade conta com outros tipos de atrações. Além das quadras poliesportivas para a prática do futsal, do basquete e do vôlei, há quadras de areia para os praticantes do vôlei de praia e do futevôlei, um kartódromo e um parque de diversões. O parque ainda é sede de um centro de hipismo, de diversas churrasqueiras, restaurantes, bares e um pavilhão de exposições, que recebe diversos shows e feiras. O Parque da Cidade fica aberto diariamente, 24h, e a entrada é gratuita.

Números**4,2 milhões de m²**

Área do Parque da Cidade

1978

Ano de inauguração do Parque da Cidade

Memória

O Parque Rogério Pithon Farias foi inaugurado em 1978. Esse foi o nome original do que hoje conhecemos como Parque Sarah Kubitschek, ou Parque da Cidade, como é chamado pela população do Distrito Federal. O local recebeu o nome original em homenagem ao filho do governador Elmo Serejo de Farias, que faleceu em um acidente de carro. Hoje, no entanto, o parque leva o nome da primeira dama Sarah Kubitschek, mulher do idealizador da capital federal.

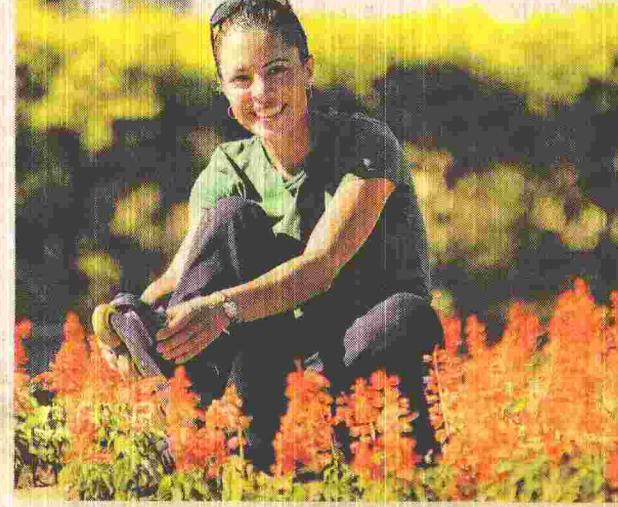
Além do nome em si, o parque também é conhecido pelas narrativas famosas. Uma das praças, perto do extinto pedalinho, foi renomeada em 2001 em homenagem ao músico Renato Russo e a uma das músicas de sua banda, a Legião Urbana. Por conta da história contada pelo artista na canção *Eduardo e Mônica*, a praça ganhou uma escultura de aço naquele ano e passou a ser conhecida como Praça Eduardo e Mônica. Foi ali onde Mônica chegou de moto e Eduardo de "camelo" para o primeiro encontro do casal.

Comparando o Parque da Cidade com outros parques urbanos do mundo, é fácil perceber a grandiosidade e importância da área para Brasília e para os brasilienses. São 4,2 milhões de m², com projeto arquitetônico desenvolvido pelo próprio Oscar Niemeyer. A parte paisagística do local ficou por conta de Burle Marx, enquanto Lúcio Costa foi o responsável pelas áreas urbanas. O Central Park, em Nova York, tem "apenas" 3,4 milhões de m². Já o Parque do Ibirapuera, referência na cidade de São Paulo, a maior do Brasil, fica longe do patrimônio da capital federal, com 1,6 milhões de m².

Outro ponto de referência do Parque da Cidade é o parque Ana Lídia, destino preferido das crianças do DF. É lá onde fica o foguete, ao lado de balanços, gangorras e escorregadores. O nome do local foi dado em

homenagem à pequena Ana Lídia Braga, assassinada aos 7 anos depois de sequestrada na porta da escola. O caso chocou os moradores de Brasília à época.

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



Fernanda aprendeu a frequentar o Parque da Cidade com os pais: hoje, vai sozinha ou com a filha

BRASÍLIA PARA MIM É A SOMA DE DOIS OPÓSTOS, O GRANDIOSO CÉU E O MODESTO DAS FLORES"

MARINA COLASANTI, ESCRITORA

protetoras do parque, a técnica em administração pública do Ibram, Simone Rocha.

O jornalista Edson Beú recorda a época em que a área ainda não havia sido transformada em território de preservação ambiental. "O parque nasceu de um movimento comunitário. Lembro muito bem de uma senhora que morava na 415 Norte (ao lado do parque). A professora Maria Celeste da Silva foi uma das líderes do movimento para a preservação da área. Então, tivemos a ideia de fazer um abaixo-assinado reivindicando o resguardo do lugar. A época, um deputado distrital comprou a ideia, que foi aprovada. Isso nos surpreendeu. Tínhamos pouca esperança de que isso acontecesse porque era uma briga com os empresários no ramo de imóveis", relembra ele.

CRIAÇÃO

O parque foi criado legalmente por meio do decreto nº 15.900 de 17 de setembro de 1994. A partir daí, ocorreu a primeira mudança: "Construíram uma cerca para não jogarem mais entulho no espaço", conta Beú. Esse foi apenas o primeiro passo para que aquele lugar não fosse ameaçado. "Na mesma época, fizemos um mutirão de limpeza", completa.

Hoje, a principal mantenedora do parque é a própria comunidade. Ela supre as necessidades do espaço, já que para ele não há orçamento próprio do Governo do Distrito Federal. "O GDF destina uma verba para todos os parques. Não há como saber quanto o Olhos D'Água recebeu", explica Rosatilde Santana. De acordo com ela, neste ano, a lei de orçamento dispôs R\$ 4 milhões para os 69 parques espalhados pelo Distrito Federal.

Explore o Olhos d'Água

Pegar trilhas de terra que dão acesso a áreas isoladas, como a que leva até a nascente da Lagoa do Sapo

Contemplar a vegetação do parque vista da ponte que corta o lago

Observar os ipês (rosa, roxo, amarelo, branco) e outras espécies de árvores do cerrado em fase de crescimento, plantados por estudantes da Escola Classe 415 Norte

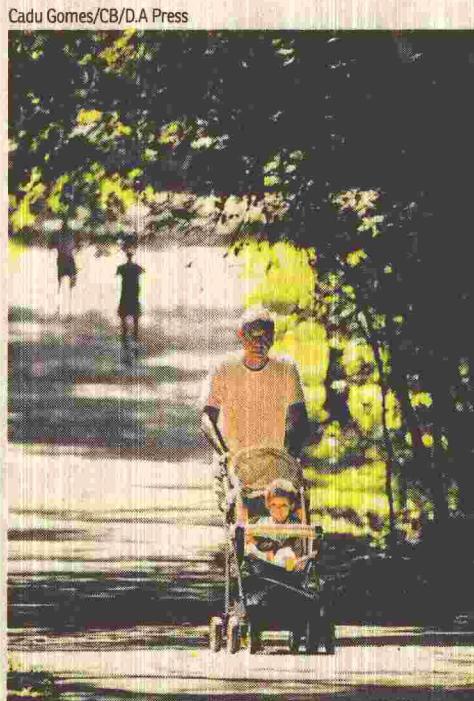
Conhecer o Relógio do Sol e saber como ele funciona

Flagrar o momento em que pássaros se alimentam com frutas deixadas em bandejas espalhadas pelos cantos do parque

Conhecer o Centro de Educação Ambiental, na entrada do parque, onde ficam expostas imagens tiradas pelo fotógrafo Tancredo Maia Filho

Ler versos como *Amanhã*, do poeta cearense Patativa do Assaré, que estão espalhados por vários lugares

Cádru Gomes/CB/D.A Press



Cádru Gomes/CB/D.A Press



O Olhos d'Água reúne diversas espécies do cerrado: Edson Beú foi um dos que lutaram pela preservação

BRIGA

"O parque é o conector de uma área que vai ao longo do Rio Bananal, inserido no Parque Nacional de Brasília, até a sua foz, no Lago Paranoá", explica a funcionária do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) e coordenadora dos parques do DF, Rosatilde Santana Carvalho. Essas características dão grande importância ao Olhos d'Água, cuja preservação foi reivindicada pela própria comunidade. Não fosse essa intervenção, hoje não existiria vegetação nativa do cerrado nem animais. No lugar de tudo isso, haveria só prédios residenciais. "Antes, aqui era uma invasão e muita gente jogava lixo", lembra uma das